

A EXPRESSÃO DA SUBJETIVIDADE NA AFSIA

Jaqueline Almeida Silva (UESB)

jackalmeida_02@hotmail.com

Carla Salati Almeida Ghirello-Pires (UESB)

carlaghipires@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo discute acerca das questões ligadas a linguagem e a subjetividade levando em consideração a perspectiva dialógica abordada por Bakhtin. À luz da neurolinguística discursiva, proposta por Coudry (1986) traçamos uma discussão que envolve os sujeitos afásicos enquanto sujeitos da linguagem e aliamos os estudos baktinianos que nos mostram que a subjetividade dos indivíduos é proveniente das situações histórico-sociais e culturais que o cercam. Portanto compreender as questões que envolvem a expressão da subjetividade através dos percursos enunciativos são necessários para que o olhar lançado sobre o indivíduo com afasia não seja de incompreensão ou a visão de um incapacitado, mas que esse sujeito seja visto como alguém que pode interagir a partir das situações dialógicas que o cercam.

Palavras-chave: Afasia, Linguagem, Subjetividade.

ABSTRACT

This article discusses issues about language and subjectivity taking into account the dialogical perspective discussed by Bakhtin. In light of the discursive neurolinguistics, proposed by Coudry (1986) traced a discussion that involves the aphasic subjects as language and we combine baktinianos studies that show that individuals' subjectivity comes from the historical and social situations and cultural surround. So understand the issues involving the expression of subjectivity through the enunciative pathways are required for the look cast upon the individual with aphasia is not a misunderstanding or a vision of a disabled, but this guy is seen as someone who can interact from the dialogical situations that surround it.

Keywords: Aphasia, Language, Subjectivity

1. A linguagem como atividade constitutiva

Ao tratar de linguagem e subjetividade na afasia não podemos deixar de analisar o sujeito afásico, como aquele que é posto em desvantagem em relação aos “padrões” linguísticos estabelecidos pela sociedade. O sujeito afásico rotineiramente é falado pelo

outro e isso impede que esses indivíduos expressem a sua subjetividade por meio dos mais variados tipos de linguagem.

Ao abarcar a linguagem como ferramenta comunicacional e a fala como maior e melhor recurso para o uso da linguagem, automaticamente colocamos os sujeitos com comprometimentos linguísticos à margem da sociedade.

Essa noção simplista de que a linguagem é um instrumento de comunicação vem sendo colocada em questão no rol das diversas ciências. Mas como comparar a linguagem a um instrumento de comunicação, se esta não pode ser criada, nem materializada?

As discussões em torno da linguagem, não são um privilégio de contemporaneidade, filósofos como Platão e Aristóteles, já debatiam publicamente sobre essa temática. Atualmente os legados de Saussure, que deu o pontapé inicial para uma nova visão acerca da linguística, Bakhtin, Benveniste, Vygotsky, Jakobson, Franchi, abordam a linguagem como algo que pertence a natureza humana, que não pode ser criada e nem inventada, portanto afasta-se aí a noção ingênua de linguagem como instrumento ou ferramenta meramente comunicacional.

A teia da linguagem é muito mais complexa e não cabe o reducionismo para analisá-la. Tendo em vista que ela é ampla, cheia de labirintos, não se sabendo onde começa e onde termina.

“ Todos os caracteres da linguagem, a sua natureza imaterial, o seu funcionamento simbólico, sua organização articulada, o fato de que tem um conteúdo, já são suficientes para tornar suspeita essa assimilação a um instrumento, que tende a dissociar do homem a propriedade da linguagem”. (BENVENISTE, 2005, P.285)

Não há como separar o homem da linguagem, já que esta é uma atividade constitutiva dos sujeitos e é de natureza histórico-cultural. Segundo Benveniste, 2005 p.285, ” é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade”. Portanto a construção do sujeito perpassa pela sua relação com a linguagem, pois é a linguagem que humaniza o homem.

“De fato, a linguagem corresponde a isso em todas as suas partes. É tão profundamente marcada pela expressão da subjetividade que nós nos perguntamos se, construída de outro modo, poderia ainda funcionar e chamar-se linguagem, Falamos realmente da linguagem e não apenas das línguas particulares. Os fatos das línguas particulares, que concordam testemunhas pela linguagem. (BENVENISTE,2005,p.287)

Segundo Franchi (1976) a linguagem é uma atividade construtiva regida por parâmetros histórico-culturais, onde todos os sujeitos são incompletos diante das possibilidades da linguagem. Apesar da complexa organização da linguagem, que faz com que os sujeitos se apropriem da língua, é através do ato discursivo que emerge a subjetividade em suas mais variáveis instâncias. Há linguagem em toda atividade humana, até mesmo o silêncio se configura como uma forma de externar a linguagem contida na teia que envolve o pensamento, a linguagem e a realidade apreendida.

Retomando as discussões iniciais desse texto, Franchi (1992) traz o conceito de linguagem como atividade criadora, refutando assim a noção de linguagem como ferramenta comunicacional. Para este autor a linguagem não é um meio, um utensílio,

ela é o próprio agente constitutivo dos indivíduos, ela carrega em si a emergência da subjetividade e o aspecto criativo. Portanto ela não se apresenta como um produto, mas como uma atividade.

“ Temos então que apreendê-la nesta relação instável de interioridade de exterioridade, de diálogo e de solilóquio ; antes de ser para comunicação, a linguagem é para elaboração; antes de ser mensagem , a linguagem é construção do pensamento; antes de ser veículo de sentimentos, ideias, aspirações, a linguagem é um processo criador em que organizamos e informamos as nossas experiências. (FRANCHI,1992, p.25)

As noções de linguagem apresentadas por Franchi corroboram com Bakhtin (2006) que destaca a natureza social da linguagem e também desconsidera as análises reducionistas que tendem a “reificar” a linguagem, levando-a para o campo do descritivismo abstrato transformando o signo em sinal e separando-os em classes, homogeneizando, padronizando e classificando uma parte que compõe a linguagem, a língua.

“Na estrutura da linguagem, todas as noções substanciais formam um sistema inabalável, constituído de pares indissolúveis e solidários: o reconhecimento e a compreensão, a cognição e a troca, o diálogo e o monólogo, sejam eles enunciados ou internos, a interlocução entre o destinador e o destinatário, todo signo provido de significação e toda significação associada ao signo, à identidade e a variabilidade, o universal e o particular, o social e o individual, a coesão e a divisibilidade, a enunciação e o enunciado”. (JAKOBSON, apud BAKHTIN, 2006 p.11)

Em suas análises baktinianas, Jakobson coloca a linguagem em um cenário de várias relações, que são interdependentes e formam um todo que se complementam e se completam. Vê-se, portanto a heterogeneidade, a pluralidade da natureza da linguagem, que depende de uma gama de relações que são regidas pelas relações sociais.

Segundo Bakhtin, na estrutura da linguagem, todas as noções substanciais formam um sistema inabalável, constituído de pares indissolúveis e solidários: o reconhecimento e a compreensão, cognição e a troca, o diálogo e o monólogo, sejam eles enunciados ou internos, a interlocução entre o destinador e o destinatário, todo signo provido de significação e toda significação associada ao signo, a identidade e a variabilidade, o universo e o particular, o social e o individual, a coesão e a divisibilidade, a enunciação e o enunciado. (JAKOBSON apud BAKHTIN, 2006, p. 11)

Assim as discussões em torno da semiótica e do domínio ideológico dão forma as teorias baktinianas sobre linguagem. Tendo em vista que, a compreensão do signo interior se dá através de sua relação de totalidade dos fatos que constitui a experiência exterior e esclarece o signo interior. Toda essa dinâmica só se configura através da situação social.

“O signo e a situação social em que ele se insere estão indissolúvelmente ligados. O signo não pode ser separado da situação social sem ver alterada sua natureza semiótica” (BAKHTIN, 2006, p.62)

Assim como Bakhtin, Vygostky (2002) também rejeita o caráter simplista que reduz a linguagem a um código aleatório, segundo o autor, “uma palavra que não representa uma idéia é uma coisa morta, da mesma forma que uma idéia não incorporada em palavras não passa de uma sombra” (VYGOTSKY, 2002, p.05). Assim percebe-se a existência de uma interação entre o campo das idéias e da palavra, não existindo uma sem a outra. Para esse autor as atividades cognitivas e o pensamento, não são estruturados de forma cognitiva. Elas são determinadas por fatores histórico-sociais e culturais dos quais os indivíduos são submetidos. Por esse motivo, pensamento e linguagem se cruzam.

As situações de interação são para Vygotsky como peça-chave para que a linguagem tome forma, se estruture. Bakhtin também compartilha desta concepção, apontando que a linguagem é resultado das situações dialógicas, onde se estabelece uma relação recíproca entre o locutor e o interlocutor, pois “ a interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua”. (BAKHTIN, 2006, p.125)

Mas ao citar a relação dialógica, o autor deixa claro que se refere a palavra “diálogo” em sentido amplo, não restringindo-a a comunicação em voz alta, entre pessoas que estão face a face, mas ele amplia o leque a toda e qualquer comunicação verbal.

Portanto, os autores aqui elencados, versam acerca da linguagem, não como suporte ou ferramenta, mas como atividade que é intrínseca ao ser humano, que o constitui enquanto sujeito, o humaniza. Os autores trazem a visão da subjetividade construída na e pela linguagem e tendo como principal elemento as relações históricas, sociais, culturais que dialoguem com os sujeitos.

2. Fundamentos da Neurolinguística Discursiva

A neurolinguística discursiva, ciência que a luz da lingüística, fundamenta este trabalho, foi desenvolvida por Coudry, tomando como referência a Neurolinguística apresentada por Lebrun (1983). Coudry, orientada pelos postulados de Franchi (1976, 1977, 1986), traz para os seus estudos os conceitos de linguagem como atividade constitutiva e trabalho, levando em consideração os elementos históricos, culturais e sociais que cercam os indivíduos. Para essa autora, a linguagem se configura como incompleta e dotada de possibilidades de “(re) interpretações”. E a incompletude em relação à linguagem é um ponto em comum a todos os sujeitos (afásicos e não afásicos), que compartilham de situações onde o que é pensado ou dito lhes parece fugidio, ou incompleto.

Tomando como fundamento a neurolinguística, se faz necessário compreender o conceito de neurolinguística descrito por Lebrun.

“A neurolinguística não é a lingüística aplicada a manifestações verbais mórbidas. Efetivamente a lingüística tem por objeto a linguagem, ao passo que a neurolinguística interessa-se pelo indivíduo tendo uma afecção do seu sistema nervoso central, apresenta dificuldade e código verbal. É aquele que utiliza a linguagem e não a linguagem em si mesma que prende a atenção do neurolinguista.(...) A

neurolinguística (...) aproxima-se das disciplinas médicas. No entanto ela não se confunde com nenhuma delas. (LEBRUN,1983, p.05)

O autor aponta a neurolinguística como “filha” da afasiologia neurológica do final do século XIX e do início do século XX. Apesar de ser uma ciência independente, o autor recorre as suas raízes para explicar o ponto de influência da neurolinguística.

Em 1983, Coudry, juntamente com Possenti escreveram o artigo “Avaliar discursos patológicos”, ali a autora dá os primeiros passos para aliar o discurso com atividade constitutiva, cérebro com linguagem.

O objetivo principal da neurolinguística discursiva são os estudos em torno dos conceitos e das práticas discursivas. Essas práticas discursivas se desenvolvem através de situações dialógicas e interativas que ajudam a constituir e emergir a subjetividade dos sujeitos afásicos. Sendo assim para que o sujeito afásico de fato possa construir seu discurso se faz necessário que no momento da construção enunciativa (proposta por Benveniste, 2005), haja uma organização e acomodação para que o sujeito faça uso efetivo da linguagem.

Esta teoria trata da concepção de linguagem numa perspectiva investigativa, por meio de análises discursivas, lingüístico-cognitivas, social e da questão das alterações significativas em que se encontraram pacientes cérebros-lesados, levando em consideração os aspectos sociais da linguagem. A relação de alteridade e linguagem são colocadas em cena, pois é na relação com o outro que os sujeitos se constituem. Segundo Coudry (1997, p.10)

“O estudo discursivo da afasia considera que o sujeito afásico passe por atividades significativas da linguagem, exercendo o papel de sujeito para produzir, interpretar sentidos, contar, comentar, perguntar, sugerir, pedir, estreitar relações, estar lido a coisas do mundo, compreendê-la para falar dele”.

Coudry (1986) aponta para o fato de que tanto a avaliação quanto a reabilitação devem partir de situações dialógicas que representam o primeiro exercício da linguagem. Neste tipo de processo evitam-se procedimentos práticos em situações controladas (formulários, testes, etc.) para a produção da linguagem. Para a reconstrução dos significados que ficariam desorganizados por conta de lesões é importante que o terapeuta provoque situações onde as produções linguísticas por parte dos afásicos se deem de forma espontânea.

Pra compor a sua teoria, Coudry embasou-se na perspectiva de linguagem como atividade constitutiva de Franchi (1977), nas questões que envolvem o normal e o patológico de Canguilhem (1995) Na construção de sujeitos na e pela linguagem de Benveniste (2005/2006): na perspectiva de sujeito dialógico de Bakhtin (2006); também se utiliza das teorias de Jakobson (1955, 1970, 1956, 1977) para discorrer acerca do funcionamento da linguagem; das análises discursivas de Foucault (1961,1969,1995,1971) e de Pêcheux (1990,1975) e da perspectiva de funcionamento dinâmico e integrado de cérebro/mente de Luria (1981) e Freud (1891,1973).

Os estudos da ND tem como procedimento metodológico a perspectiva do acompanhamento longitudinal, pois no decorrer desse processo o pesquisador pode

inserir o sujeito em diversas situações dialógicas, sócias e contextualizadas. Tal ação, para Bakhtin (2006) se constitui como principal forma de expressão da subjetividade.

O produto dessa interação sujeito/pesquisador dá origem ao dado-achado proposto por Coudry (1996), pois este dá visibilidade do vínculo entre teoria e dado, onde o pesquisador estabelece uma relação dialógica com o sujeito da pesquisa a partir de práticas discursivas contextualizados, onde se busca os processos de significação, não a mera verbalização.

“É essa metodologia heurística orientada sempre por princípios teórico-acionados em diferentes circunstâncias de avaliação que cria uma intimidade do investigador, que não é desprovida de um olhar (no sentido de Foucault), com os dados que são achados para teorias em questão (da linguagem e da afasia). É por essa intimidade que se consegue desvendar alguns dos segredos da linguagem do paciente(COUDRY,1996, p. 185).

Aos poucos os estudos da Neurolinguística Discursiva foram abarcando sujeitos com outros tipos de patologias da linguagem, assim vemos neste campo de atuação um vasto horizonte de pesquisa tendo em vista que, nesta teoria o sujeito é tomado como singular e a sua individualidade é levada em consideração no momento da construção discursiva, por meio de situações dialógicas e interativas.

3. A construção da subjetividade do sujeito afásico, numa perspectiva bakhtiniana

A questão que envolve a construção da subjetividade perpassa por análises complexas e inesgotáveis, muitas vezes acompanhadas de embasamentos filosóficos, da psicologia, psicanálise, entre outros campos de estudo.

Segundo as teorias baktinianas, o sujeito emerge de uma incompletude no que tange a linguagem, o discurso, o seu percurso sócio-histórico. Sua subjetividade se constrói a partir das relações com o outro, onde o “eu” se constitui através do “outro”. Para Bakhtin (2006) não há possibilidades de este indivíduo ser puramente psicológico, ele perpassa a todo o tempo pelo âmbito dialógico-interativo, portanto é um sujeito dialógico.

A contextualização, a alteridade, a inserção do sujeito (sejam eles afásicos ou não afásicos) nas esferas da sociedade, vão dando sequência à formação do ser, enquanto sujeito dotado de subjetividade. Esse processo jamais será estanque, uma vez que essa dinâmica está em constante ressignificação.

Nossa fala, isto é, nossos enunciados (que incluem as obras literárias), estão repletos de palavras *dos outros*, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos. (BAKHTIN, 1997, p.314)

Os elementos sociais, históricos que se unem a ecos de outras vozes, segundo Bakhtin, não “apagam” o sujeito, nem o torna cópia de outros sujeitos, muito pelo contrário. Esse movimento dialético traz a cena diversas situações discursivas e os mais variados tipos de atores sociais que se entrecruzam e promovem ações de subjetivação. Para que as ações de subjetivação aconteçam, se faz necessário que os aspectos sociais unam-se aos individuais, para que a subjetividade possa se configurar.

Assim a noção que Bakhtin, traz acerca da alteridade dos sujeitos, na, para e pela linguagem marcam a posição de “sujeito inacabado”, aquele que sempre precisará de ecos de outras vozes para constituir seu “eu”.

Pode-se colocar que a palavra existe para o locutor sob três aspectos: como *palavra neutra* da língua e que não pertence a ninguém; como *palavra do outro* pertencente aos outros e que preenche o eco dos enunciados alheios; e, finalmente, como palavra *minha*, pois, na medida em que uso essa palavra numa determinada situação, com uma intenção discursiva, ela já se impregnou de minha expressividade. Sob estes dois últimos aspectos, a palavra é expressiva, mas esta expressividade, repetimos, não pertence à própria palavra: nasce no ponto de contato entre a palavra e a realidade efetiva, nas circunstâncias de uma situação real, que se atualiza através do enunciado individual. (BAKHTIN, 1997, p.313)

Esse cruzamento de enunciados (eu/outro) que é um traço fundamental da alteridade, nos mostra que é impossível existir um discurso neutro, um sujeito que não esteja impregnado de outras vozes, uma vez que a subjetividade/individualidade se dá através dessa cadeia dialógica e interativa.

Segundo Bakhtin, os sujeitos (afásicos ou não) não serão reprodutores de enunciados alheios, pois essa gama de experiências vivenciadas pelos indivíduos (que são únicas para cada sujeito) os torna um ser singular.

Em se tratando de sujeitos afásicos, essa discussão vai um pouco além, pois rotineiramente esses sujeitos são taxados como incapazes e o seus processos enunciativos são desconsiderados.

Quando o sujeito afásico faz uso de outros recursos linguísticos, que não são os recursos considerados “padrão”, como a fala, percebemos que o preconceito sofrido por esses indivíduos, tornam-se maiores e se configuram como barreiras para que se estabeleça a interação.

Muitos dos processos de significação que se apresentam como solução para o afásico expressar seu dizer envolvem sistemas não verbais (gestos/corpo; objetos; relações entre objetos; práticas sociais) que se articulam com processos de significação verbais no funcionamento discursivo da linguagem e, assim, são chamados de *alternativos* em relação ao sistema da língua e a seu uso social e partilhado. Uns são previstos pelo próprio sistema da língua em funcionamento; outros se apresentam como *não oficiais*, intermediários/gato, e muitos podem manifestar e repetir conteúdos psíquicos como ocorre também com não afásicos; outros, como se disse, ainda são possíveis pela relação da linguagem com a semiose não verbal e se referem à possibilidade de verbalizar gestos, crenças, objetos, ações, atitudes, raciocínio

matemático, o que corresponde à tradução intersemiótica. (COUDRY, 2008, p. 11)

Os sujeitos afásicos, normalmente fazem mais uso desses recursos “não oficiais”, isso faz com que esses indivíduos muitas vezes, sejam vistos como “anormais”, pois sua expressão é desconsiderada e julgada como incoerentes.

De fato, para a neurolinguística discursiva, há o entendimento que apesar de existir o comprometimento linguístico em pessoas cérebro-lesados ou não, existe ali um sujeito da linguagem, que dela faz uso e interage com a realidade que o cerca.

Portanto a utilização de atividades repetitivas, de mera verbalização, com o intuito de “recuperar” aquilo que foi perdido, precisa ser descartado, uma vez que para Bakhtin (2006, p. 111):

Na realidade, o ato de fala, ou, mais exatamente, seu produto, a enunciação, não pode de forma alguma ser considerado como individual no sentido estrito do termo; não pode ser explicado a partir das condições psicofisiológicas do sujeito falante. *A enunciação é de natureza social.*

Sendo assim, não podemos abarcar a postura do subjetivismo individualista que concebe o sujeito a partir de uma enunciação monológica, sendo ela um ato estritamente individual, uma expressão da consciência individual. Essa teoria prioriza o que é interior, sob o que é exterior, onde a fonte principal da expressão reside no interior dos indivíduos.

Ao abarcarmos o sujeito afásico ou não, como um ser individualista, no que tange a questão enunciativa, estamos transferindo para ele toda a responsabilidade por sua objetivação (expressão). Bakhtin refuta essa teoria, pois:

O centro organizador e formador não se situa no interior, mas no exterior. Não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, *é a expressão que organiza a atividade mental*, que a modela e determina sua orientação. Qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo *pela situação social mais imediata*. Com efeito, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. *A palavra dirige-se a um interlocutor*: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.). Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado. (BAKHTIN, 2006, p.114)

Para esse autor, os indivíduos possuem um “auditório social” no interior de cada um. Mesmo que em seu pensamento o sujeito não se refere a um interlocutor abstrato. É diante dessa concepção de interação e dessa relação dialógica que é constituída a

subjetividade dos sujeitos. Por meio desse cenário onde está presente um “horizonte social”, que os indivíduos constroem suas deduções interiores, motivações, apreciações e por consequência externam aquilo que lhes foi apreendido.

Bakhtin (2006, p.115) discorre acerca da importância da palavra e afirma que ela contém duas faces, “procede de alguém” e “se dirige a alguém”.

Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

Mas ao tratar da palavra, o autor não a reduz ao ato físico de materialização do som. Bakhtin (2006) considera que “todas as manifestações verbais estão, por certo ligadas aos demais tipos de manifestação e de interação intersemiótica, a mímica, a linguagem gestual, os gestos condicionados, etc.” (p.41). Essa teoria é denominada “psicologia do corpo social”, onde a enunciação se dá sob formas de diferentes modos de discursos. Elas estão intimamente ligadas a situação social.

A psicologia do corpo social deve ser analisada através de duas perspectivas, a do tema (sentido da enunciação) e dos tipos e formas de discurso, “através dos quais estes temas tomam forma, são comentados, se realizam, são experimentados, são pensados, etc”. (BAKHTIN, 2006, p.42)

O autor reforça a importância de se pesquisar acerca das formas materiais de expressão, formas de comunicação no contexto da vida e através dos signos. Essas formas de expressão estão repletas de conteúdos ideológicos, socialmente organizados e que são fruto da interação, do dialogismo e por consequência estão carregados de subjetividade.

Conclusão

Findando as discussões deste trabalho, compreendemos que as relações dialógicas propostas por Bakhtin são de suma importância para a expressão da subjetividade de qualquer sujeito. Porém, para o indivíduo com afasia, que tem suas competências linguísticas limitadas em decorrência do seu problema, o trabalho de ressignificação da linguagem é de suma importância. Por meio da utilização de processos alternativos de significação esses sujeitos conseguem dar forma àquilo que é almejado e foi comprometido pela afasia.

Portanto ao discutir acerca da construção subjetividade numa perspectiva dialógica, vislumbramos através da neurolinguística discursiva, um olhar mais atento por parte da sociedade, para os sujeitos afásicos, e suas variadas formas de expressar a sua subjetividade.

REFERÊNCIAS

BEVENISTE, E. **Problemas de Lingüística Geral I**. Campinas: Pontes Editores, 2005.

_____. **Problemas de Lingüística Geral II**. Campinas: Pontes Editores, 2006.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 2006. São Paulo: Hucitec.

_____. **Estética da criação verbal**. 1997. São Paulo: Hucitec

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

COUDRY, Maria. I. H. **Diário de Narciso: discurso e afasia**. Análise de interlocuções com afásicos. 1986. [s.p.] Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1986.

_____. *Diário de Narciso: discurso e afasia*. São Paulo: Martins Fontes, (1988) 2001.

_____. O que é o dado em Neurolinguística. In: Castro, M.F.P (org.) **O método e o dado no estudo da linguagem Campinas**, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

_____. **Neurolinguística Discursiva: afasia como tradução**. Estudos da Língua(gem). Vol. 6, n. 2. p. 7-36. Vitória da Conquista, 2008.

COUDRY, M.I.H; POSSENTI, S. Avaliar discursos patológicos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 5, p. 99-109, 1983.

Foucault, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1969.

_____. **O nascimento da clínica** 5. ed. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1963.

FRANCHI, C. Linguagem – Atividade Constitutiva. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas: (22):9-39, 1977.

JAKOBSON, R. Dois Aspectos da Linguagem e Dois Tipos de Afasia. In: **Lingüística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix. p. 34 - 62. 1969.

LEBRUN, Y. **Tratado de Afasia**. São Paulo: Panamed, p. 9-19.1983.

LURIA, A. R. **Fundamentos em Neuropsicologia**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981(Ed 1991).

PÊCHEUX, M. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1983.

VIGOTSKY, Lev S.. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. L.S. *Vygotsky, A.R. Luria. Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.